

**ESTUDO DE CASO DE UM SUJEITO COM AFASIA MOTORA
EFERENTE NA PERSPECTIVA DA NEUROLINGUÍSTICA
DISCURSIVA**

Tainara Lemes Conde NANDIN

(Orientadora): Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

RESUMO: Este estudo de caso buscou analisar a produção de um sujeito com afasia motora eferente, de grau severo, e descreve i) as características dos seus enunciados, que na literatura tradicional são concebidos como “estereotípias”; ii) interpreta suas riquíssimas expressões não-verbais; iii) demonstra como o estudo de caso pode se constituir numa metodologia produtiva para a construção de uma teoria neurolinguística. O acompanhamento longitudinal foi escolhido como metodologia de pesquisa e as análises são qualitativas. Ao final da pesquisa, foi possível compreender melhor as estratégias do sujeito GS para significar por meio da linguagem verbal, apesar de suas estereotípias, e de sua linguagem não-verbal, o que subsidia uma reflexão a respeito das possibilidades no trabalho terapêutico com sujeitos com afasias eferentes graves.

Palavras-chave: Neurolinguística, afasia, gestualidade, linguagem não-verbal.

Introdução

Este estudo de caso tem como referencial teórico a Neurolinguística Discursiva (ND), na qual a linguagem é considerada como sendo construída/constituída por meio de processos sócio-histórico-culturais. O discurso (a linguagem em funcionamento) é considerado como o resultado da experiência e do trabalho dos falantes *com* e *sobre* a linguagem (Coudry, 1986/1988, 2002).

No caso dos sujeitos com acometimento neurológico, quando há alterações no funcionamento da linguagem, a ND parte do pressuposto que estes já trazem as suas experiências de falantes, ou seja, não perderam completamente sua competência linguística e é a partir da linguagem que lhes resta que reorganizam seus enunciados verbais e não-verbais. Não se trata de readquirir uma língua. O que deve ser mediado é o exercício conjunto da linguagem e da atividade psíquica do sujeito para retomar essas experiências, para criar alternativas, buscar outros caminhos, para que continue sendo um sujeito social e da linguagem.

Para avaliar o sujeito afásico e considerar a sua condição, segundo Coudry (2002: 101), é necessário que seja incorporado “o estudo da linguagem pública,

ou seja, a usada por sujeitos que compõem uma comunidade de falantes (...) de uma língua natural, em diversas situações pragmáticas, com diversos propósitos e em vários registros vernaculares, todos legítimos”. É nessa interação com o outro que são produzidos e interpretados os processos de significação.

São os pressupostos teóricos da ND que orientam a prática clínica com GS, atribuindo ao sujeito papel ativo e fundamental no processo terapêutico. Segundo Ishara (2008:6) “Trata-se de uma perspectiva discursiva da abordagem da afasia para a qual importa como o sujeito afásico lida com a afasia, reelabora suas dificuldades e quais as condições em que se constrói a interação com o terapeuta”. A autora coloca ainda que é a partir desse contexto que se estabelece a discussão sobre as alterações de linguagem do sujeito afásico e em seu processo de reconstrução.

Pressupostos Teóricos

Na Neurolinguística Discursiva, o discurso é o mediador das relações com o outro e com o mundo, e é no diálogo produzido, a que se atribui sentido, que é construída a linguagem. Ou seja, a natureza dialógica do processo linguístico é que caracteriza as variações individuais, sócio-culturais e contextuais, o co-processamento realizado durante as interações sociais entre locutor e interlocutor. Novaes-Pinto (1999) aponta para a redução que se faz na literatura quando estas questões são descartadas dos estudos das afasias. A autora baseia-se nos conceitos bakhtinianos para realizar suas análises. Um desses conceitos é o de *enunciado*, intimamente ligado ao do *querer-dizer*. O enunciado, segundo Bakhtin, é:

marcado pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o **todo** de um enunciado, em processo de desenvolvimento. (ibid: 301)

Segundo Novaes-Pinto (1999:163), o que Bakhtin chama de *querer-dizer* ou *intuito discursivo* determina o **todo** do enunciado. “Percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo que mediremos o acabamento do enunciado”. No caso dos sujeitos afásicos, a autora coloca que muitas vezes damos aos seus enunciados um *acabamento*, na tentativa de ajudá-los a chegar o mais próximo possível de seu *querer-dizer*.

Na ND também há conceitos importantes da Linguística que ajudam a pensar nas atividades que estão sendo realizadas pelos sujeitos para

reorganizarem sua linguagem, como os de atividade metalinguística e epilinguística. As operações epilinguísticas (Coudry e Morato, 1988 *apud* Zaniboni, 2007:106), “tais como as hesitações, os momentos de auto-correções e de reelaborações, as rasuras, as pausas longas, as repetições, as antecipações e os lapsos emergem da interlocução e servem como processo de (re)construção da linguagem.” Estas operações estão presentes no discurso de todos nós, com acometimento neurológico ou não, e no caso dos sujeitos afásicos estes processos se revelam em muitos enunciados, verbais ou não-verbais.

Zaniboni (2007:106) mostra como essas operações epilinguísticas “devem ser vistas como um fenômeno da reorganização da linguagem”. Para isso, o que é concebido como “erro” deve ser considerado como uma tentativa de se (re)organizar a linguagem, sendo essa tentativa um processo positivo, uma vez que pensando no caráter histórico e cultural da linguagem, esta é tomada por sua indeterminação e incompletude, passíveis de (re)interpretações.

O discurso do sujeito GS é marcado principalmente por dois fenômenos: i) a produção verbal de uma “estereotipia” e/ou “automatismo”, com rica prosódia, e ii) pela expressão por meio de recursos não-verbais: gestos e desenhos, que deverão ser objeto das pesquisas bibliográficas ao longo da produção do trabalho.

Segundo Viscardi (2005:49), o fenômeno chamado “automatismo” apresenta algumas variações em sua concepção, sendo referido geralmente como *estereotipia*. A autora afirma que se nos dirigimos ao dicionário para buscar uma definição destes termos, encontramos que *estereotipia* está relacionada tanto àquilo que é imutável, fixo, quanto àquilo que é feito de forma repetida, duplicada. Já *automatismo* está vinculado àquilo que é involuntário, que se produz sem orientação consciente. O termo em inglês é *recurring utterance* e vincula-se mais ao conceito de estereotipia, acima descrito. Os enunciados verbais de GS serão mais adiante tratados.

Este estudo monográfico analisa, além da produção verbal do sujeito – bastante comprometida por sua afasia – a linguagem não verbal, constituída por uma rica expressão facial e gestual que se torna fundamental para a comunicação e atribuição de sentidos. Buscamos avaliar também as potencialidades / possibilidades do sujeito, que podem ser desenvolvidas no acompanhamento terapêutico individual e no grupo do CCA, respaldado pela concepção de linguagem como atividade constitutiva, influenciada por fatores sociais, históricos e culturais (Vigotsky, Bakhtin).

A gestualidade produzida pelo sujeito afásico, nesta perspectiva, é tida como mediadora das suas interações e, portanto, como potencialmente constitutiva do sujeito e de suas relações sociais (Zia, 2006:15). Para Fedosse (2000), a análise/interpretação das manifestações decorrentes de lesões cerebrais não deve se limitar exclusivamente aos aspectos patológicos, mas

deve incorporar os fatores contextuais e ações linguísticas na produção e interpretação de sentidos, analisando as alterações linguísticas e gestuais a partir de sua natureza simbólica, não apenas em suas evidências motoras. A autora refere-se também à atividade gestual ou *gestualidade* como atividade significativa, ou como processo de significação, pois os gestos podem substituir a expressão verbal de sujeitos afásicos, assim como também ocorre com não afásicos. Assim como a linguagem verbal, a atividade gestual é construída sócio-histórica e culturalmente, já que na realização de um gesto estão implicados, além dos fatores neurofisiológicos que caracterizam o movimento, vários fatores pragmáticos.

No contexto patológico, as alterações da gestualidade também variam quanto à gravidade. O gesto pode se manifestar de modo desorganizado, ou seja, podem ocorrer alterações na ordem das ações implicadas na atividade gestual – uma desorganização sintática do gesto (traçando um paralelo com os recursos linguísticos). Pode ocorrer ainda o fato de o gesto não se realizar, o que poderia evidenciar a dificuldade dos sujeitos de selecionarem os movimentos adequados para sua composição. Também para sua realização é essencial que o sujeito se sirva de pistas contextuais, em atividades significativas e com o apoio dos interlocutores, que possam ajudá-lo a reorganizar sua atividade gestual, assim como se faz com sua linguagem oral.

Segundo Mármora (2000), assim como a linguagem, a gestualidade e também a percepção se constroem a partir de ações dirigidas ao outro, da relação do sujeito com o mundo exterior e, principalmente, são mediadas pela linguagem. Para a autora, o termo “gestualidade” refere-se ao conjunto de gestos utilizados pelo sujeito para expressar-se, que é assumido como uma forma de significação, fazendo parte da atividade simbólica, diferenciando-se do termo “movimento”, este sim considerado como produto do ato motor.

A gestualidade de GS será um dos temas a ganharem mais destaque no projeto, a partir da análise dos dados que serão colhidos de episódios dialógicos ocorridos no CCA (Centro de Convivência de Afásicos)/IEL e nas sessões individuais.

Objetivos do trabalho realizado

Partindo dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, que caracteriza os trabalhos realizados no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), o presente estudo buscou analisar a produção de um sujeito com afasia motora eferente, de grau severo, e descrever i) as características dos seus enunciados, que na literatura tradicional são concebidos como “estereotípias”; ii) interpretar suas riquíssimas expressões não-verbais: a gestualidade, e as expressões faciais; iii)

demonstrar como o estudo de caso pode se constituir numa metodologia produtiva para a construção de uma teoria neurolinguística.

O estudo de caso: o sujeito e os aspectos metodológicos da pesquisa

O sujeito desta pesquisa é GS, brasileiro, casado, com 78 anos de idade, que teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) repetitivo em 2005 (dias 13 e 19 de Janeiro) que frequenta o CCA (Centro de Convivência de Afásicos)¹, no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), UNICAMP, desde Agosto de 2007.

Além de analisar as produções de GS nas sessões do grupo III, realizadas semanalmente no CCA e que duram cerca de 1 hora e meia, foram também vídeo-gravadas, transcritas e analisadas suas produções em algumas das sessões individuais semanais, durante o atendimento fonoaudiológico, também no CCA².

O acompanhamento longitudinal foi escolhido como metodologia de pesquisa e as análises são qualitativas, baseadas no modelo microgenético que avalia, por meio de minúcias indiciais, os processos subjacentes à produção dos enunciados.

Discussão e Resultados

A linguagem de GS caracteriza-se principalmente pelos enunciados /o´da/ ou /a´da/ e algumas variações sutis destes grupos fonêmicos, mas com grandes variações prosódicas, acompanhadas sempre de gestos que expressam concordância, discordância, ênfase, dúvida. Seus enunciados evidenciam ainda a impossibilidade de repetição e de produção de palavras a partir de prompts³.

O acompanhamento terapêutico tem buscado desenvolver a linguagem não-verbal como um recurso alternativo à sua grande dificuldade, ou mesmo impossibilidade de produção verbal.

¹. Nas sessões do grupo do CCA, bem como nas sessões individuais, as atividades desenvolvidas possibilitam visualizar as estratégias dos sujeitos atitude dos sujeitos para lidar com a afasia. Os temas abordados dizem respeito às suas próprias vidas, ao relacionamento com os outros, às dificuldades que enfrentam no dia-a-dia de convivência na sociedade, às notícias que os cercam e a respeito das quais são levados a se posicionar.

². O atendimento fonoaudiológico é parte integrante do estágio da disciplina FN 711 e FN 811, realizadas no CCA (Centro de Convivência de Afásicos) do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem)/UNICAMP.

³. *Prompts* são as pistas dadas aos sujeitos: os primeiros fonemas ou, geralmente em Português, a primeira sílaba de uma palavra.

Para ilustrar algumas das questões já observadas e analisadas da linguagem de GS, passo a apresentar alguns dados.

Dado 1.

Durante a sessão do CCA III, do dia 22 de Abril de 2008, o grupo conversava sobre o jogo ocorrido no domingo, entre São Paulo e Palmeiras. Os são-paulinos do grupo tentavam “explicar a derrota”, principalmente para os outros integrantes “não-são-paulinos”. Quando o sujeito GS chamou a atenção do grupo para si, com o enunciado “*oda, oda*”, os participantes se viraram para ele e perguntaram se ele estava se referindo ao jogo. Como GS concordou (com gesto afirmativo de cabeça e dizendo “*oda*”), Irn⁴ pediu para que ele tentasse “explicar melhor” o que ele estava querendo dizer. GS então desenhou com os dedos, na mesa, um *círculo* e na frente do círculo *duas linhas paralelas*.

Como não foi possível compreender o que GS queria dizer, foi-lhe dado um papel e lápis para que desenhasse. GS desenhou na folha novamente o círculo e as linhas paralelas, da mesma forma como havia feito antes, na mesa. Na impossibilidade de se alcançar seu *querer-dizer*, por meio dos enunciados até então produzidos (*oda oda* e os desenhos), Irn tentou então retomar o assunto, desde o momento em que GS confirmou que estava se referindo ao jogo. Perguntou-lhe sobre cada um dos elementos que constituíam seus enunciados, primeiramente sobre o círculo, se este se referia ao desenho de uma “bola”. Pela entonação com a qual ele respondeu, também desta vez com “*oda, oda*”, todos entenderam que *não* se tratava da bola. Levantou-se então a hipótese de que o círculo representava, por um lado, o time do São Paulo e as linhas paralelas o outro time, o Palmeiras, hipótese com a qual ele pareceu inicialmente concordar. Irn escreveu “SP” dentro do círculo e a partir disso o grupo todo participou das tentativas de compreender o que ele estava dizendo sobre o São Paulo, sendo todas rejeitadas por ele. Esta negociação dos sentidos levou vários minutos até que Irn novamente retornou ao ponto de partida, ou seja, tentando garantir que o círculo representava o São Paulo e as duas linhas representavam o Palmeiras. Desta vez, GS produziu o mesmo enunciado “*oda oda*”, com a entonação que demonstrava discordância desta interpretação.

Após mais alguns minutos de tentativas sem sucesso, Irn decidiu retomar a discussão, não a partir do desenho do círculo, mas a partir do assunto que estava sendo tratado quando GS se manifestou pela primeira vez. Desta vez, contou com a ajuda de outro afásico, CA, também são-paulino, que tem uma afasia que podemos considerar “fluente”. CA sugeriu que GS talvez estivesse se referindo

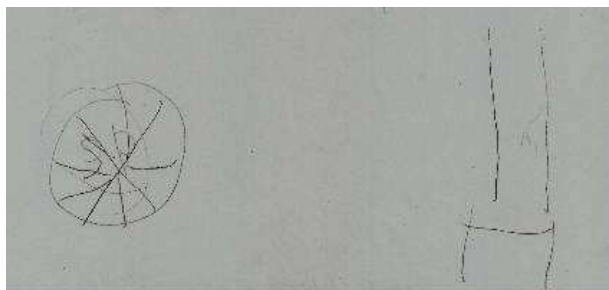
⁴. Irn é a coordenadora do Grupo III, supervisora do estágio e docente do IEL.

ao fato de o goleiro do São Paulo haver “falhado” na defesa do primeiro gol. Imediatamente GS assinalou, com um gesto, que era disso que queria falar. GS concordou com CA, apontando para o círculo - agora corretamente interpretado como *bola* - e fez com o dedo uma linha reta até as linhas paralelas – agora interpretado como sendo as traves do gol. Pudemos então compreender que ele discordava de que o goleiro houvesse falhado no lance, pois a bola é que foi em direção ao gol “quicando” na grama, enganando o goleiro.

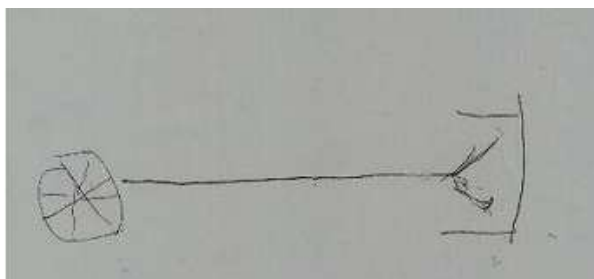
Depois da reunião do grupo, naquele mesmo dia, durante o atendimento fonoaudiológico individual com GS, as estagiárias Ifo e Itn, sugeriram que GS desenhasse novamente o esquema que havia feito durante a sessão, mas que desta vez desse mais pistas sobre o que gostaria de dizer, chamando a atenção para as dificuldades que o grupo teve para compreendê-lo, por falta de pistas, e enfatizando que ele poderia utilizar-se melhor dos recursos que têm – sobretudo dos gestos e dos desenhos - para ser melhor sucedido em seu *querer-dizer*. .

GS fez o mesmo desenho que havia feito no grupo, até escrevendo “SP” dentro do círculo. Feito isso, Itn perguntou se o círculo era uma *bola*, ao que ele concordou. Itn pediu a GS que tornasse mais claro para o interlocutor que o círculo representava uma bola. GS riscou o círculo, fazendo linhas oblíquas, como em uma bola de basquete.

A respeito do desenho das traves do gol, foi solicitado também que GS tentasse representar a figura, pensando em como os outros iriam interpretar a mesma. GS, desta vez, fez o seguinte desenho:



Satisfeito com a sua produção, que pôde ser interpretada adequadamente, GS fez, por conta própria, um terceiro desenho:



Este dado deixou claro, para nós e também para GS, que tínhamos um recurso com um potencial muito grande para ser explorado como alternativa para suas dificuldades severas de expressão.

Dado 2.

No dia 27 de Maio de 2008, GS levou para os atendimentos individuais um caderno no qual havia escrito seu nome várias vezes. Itn e Ifo entenderam o interesse de GS pela escrita e, a partir disso, utilizaram o caderno e a agenda (que GS ganhou no grupo do CCA) e pediram que ele tentasse escrever sobre algum episódio que havia acontecido em sua casa ou na televisão, durante a semana.

Como GS não demonstrou interesse especial por um fato específico, as estagiárias voltaram ao seu tema favorito: o São Paulo, que também tinha sido discutido no grupo naquele dia. GS, com a ajuda das estagiárias, escreveu os nomes dos times que haviam jogado naquela rodada e o placar dos jogos. Um dos jogos tinha sido São Paulo X Coritiba, com o placar de 1 x 1. No grupo, ele havia já se referido a esse resultado, mostrando com os indicadores das duas mãos.

Para exercer a escrita como atividade significativa, as estagiárias sugeriram que GS escrevesse no caderno, durante a semana, qualquer coisa relativa a um assunto de seu interesse, não apenas sobre futebol. Neste momento, GS franziu a testa e com o enunciado “oda” com uma entonação decrescente demonstrou um certo desânimo, demonstrando ter ciência de suas dificuldades e limites. As estagiárias disseram que ele poderia escrever sobre os resultados dos jogos de futebol, colocando apenas o placar e que o ajudariam a completar os enunciados na semana seguinte. Neste momento, GS pareceu se lembrar de alguma coisa e, apontando para o caderno, demonstrou com os dedos da mão esquerda o “número 2”. As estagiárias não compreenderam e por isso GS apontou novamente para o caderno, pegou o lápis, fez o gesto “de escrever” e novamente na mão mostrou o “número 2”. Como não foi compreendido, mostrou o número

2 com a mão e em seguida, com a mesma mão, o “número 1” e finalmente apontou novamente o caderno. Itn achou que GS estava se referindo às dificuldades que teria para escrever, quando estivesse em casa. Interpretamos (Ifo e eu) que ele estivesse se referindo com o *número 2* às estagiárias, que o auxiliam quando está no CCA, e com o *número 1* a ele próprio ou à sua esposa. Checamos com ele esta interpretação. GS franziu a testa e balançou a cabeça, discordando. Como ele apresenta dificuldades com a mão direita (hemiplegia), pegou a mão de Ifo e fez com que ela mostrasse o número 2. Com sua mão esquerda, GS mostrou o número 1. A partir disso, ficou evidente que GS queria falar do placar de 2 a 1 de um dos jogos que ele havia lembrado no início. GS abriu um sorriso e concordou com a cabeça, pegou novamente o lápis e só então percebeu-se que ele queria escrever no caderno outro resultado (além do 1 x 1 do jogo São Paulo x Coritiba), embora não tenha sido possível compreender de que time GS estava falando.

Este dado evidencia não só as estratégias alternativas de GS – como referir o número 2 com as mãos de outra pessoa – mas também os limites que a afasia impõe ao sujeito. GS não anunciou, em nenhum momento, que estava retornando ao tópico anterior. Pelo contrário, ele parece concordar com os enunciados de suas interlocutoras quando falam das dificuldades de escrever em casa.

Em geral, os afásicos apresentam um *delay* no funcionamento da linguagem, ou seja, os processos para buscar a palavra desejada, formular um enunciado, demandam um tempo maior que nem sempre é dado pelos interlocutores. Quando o assunto é relevante para o sujeito ele se atém ao tópico e o reapresenta, traz à tona, em um momento posterior da interlocução, muitas vezes quando já se mudou de assunto.

Esse dado é relevante quando se pensa na qualidade da intervenção terapêutica. É importante, por um lado, que se dê ao afásico um tempo maior para que ele consiga reorganizar, reformular seus enunciados, seja verbal ou não-verbal, mas é também necessário que se construa junto com o sujeito a significação. Por outro lado, na impossibilidade de não se alcançar o intuito discursivo, que o sujeito sinalize que está mudando de assunto ou voltando a um assunto anterior.

Dentro desta discussão, podemos considerar a relevância de se pensar no enunciado, como afirma Bakhtin (1997:301), “marcado pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores”.

Embora o tempo de atuação tenha sido relativamente curto, foi possível perceber que GS foi desenvolvendo estratégias alternativas de significação e fomos reconhecendo quando ele se referia a tópicos diferentes, quando concordada ou não com o que falávamos, fazendo gestos para mudar de assunto.

Enfim, as estratégias que foram desenvolvidas ao longo do tempo e que estão explicitadas nas análises acima.

Considerações Finais

Com essa pesquisa, foi possível compreender melhor as estratégias do sujeito GS para significar, por meio da linguagem verbal e também não-verbal. Esse trabalho revelou para o próprio GS que ele pode explorar melhor os recursos alternativos (desenho, expressão fisionômica, entonação e, sobretudo, os gestos) para significação, o que permitirá que ele volte a se constituir como sujeito social e da linguagem.

O estudo de caso de GS contribui para que se teorize sobre o papel desses recursos alternativos na construção do sentido, para sujeitos com diversas formas de afasia. Este estudo pode ainda subsidiar uma reflexão a respeito das intervenções terapêuticas com sujeitos com afasia motora eferente.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística? In: *O método e o dado no estudo da linguagem*. De CASTRO, M. F. P. (Org.) Campinas: Editora da UNICAMP. p. 179-194; 1996.
- COUDRY, M. I. H. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*.v. 42, p. 99-129. Jan/jun. 2002.
- COUDRY, M. I. H.; MORATO, E. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 15; p. 117-135; jul/dez.; 1988.
- FEDOSSE, E. Da relação linguagem e praxia: estudo neurolinguístico de um de afasia. Dissertação de mestrado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2000.
- ISHARA, C. A-F-A-S-I-A: Um sujeito em cena. Tese de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2008.
- MÁRMORA, C. H. C. Linguagem, afasia, (a) praxia: uma perspectiva neurolinguística. Dissertação de Mestrado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2000.
- NOVAES-PINTO, R.C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 1999.
- VIGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- VISCARDI, J. M. O estatuto neurolinguístico do automatismo. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. 2005.
- ZANIBONI, L. F. A contribuição da neurolinguística discursiva para a fonoaudiologia na construção de um novo olhar sobre a linguagem de sujeitos cérebro-lesados. Tese de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP. 2007.
- ZIA, J. A relação entre o gesto e linguagem: refletindo sobre o fazer fonoaudiológico. Dissertação de mestrado. Faculdade de ciências médicas – UNICAMP. 2006.